

A LITERATURA A SERVIÇO DA NAÇÃO E DA CIVILIZAÇÃO NA REVISTA NITERÓI: IDENTIDADE NACIONAL E CIVILIZAÇÃO ATRAVÉS DO AMOR

Marcelo de Mello Rangel

Pontifícia Universidade Católica – PUC – Rio

RESUMO: O presente artigo analisa o prólogo da *Revista Niterói*, publicada no ano de 1836 em Paris, intitulado “Ao Leitor”. O prólogo é assinado pelos seus redatores, Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre, e evidencia a determinação própria da literatura de acordo com os primeiros Românticos brasileiros, a saber, forjar um sentimento nacional radical e, a um só tempo, orientar os homens e mulheres da *boa sociedade* a se dedicarem ao amor, ou ainda, ao bem comum. Segundo os redatores da *Niterói*, apenas o sentimento do amor poderia provocar o progresso moral e material do Império.

PALAVRAS-CHAVE: Revista *Niterói*, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-alegre, Torres Homem, Romantismo

A abertura da *Niterói*: Revista Brasiliense se dá com a apresentação de seus princípios, e isto através de um pequeno texto intitulado “Ao Leitor”. Seus redatores evidenciam, logo de início, aquilo que pretendem, a saber, a orientação da vida prática dos homens e mulheres da *boa sociedade*, e isto a partir da medida do amor¹. Em duas páginas, os redatores da revista *Niterói* fazem conhecer seus propósitos. Acompanhemos: “O amor do país e o desejo de ser útil aos seus concidadãos foram os únicos incentivos, que determinaram os autores desta obra a uma empresa, que, excetuando a pouca glória, que caber-lhes pode, nenhum outro proveito lhes funde”².

“O amor do país” é o princípio que governa a confecção da revista *Niterói*, é o princípio fundamental à civilização dos homens e mulheres que constituíam a *boa sociedade* do Império do

¹ Os redatores da revista *Niterói* são: Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre e Francisco de Sales Torres Homem. Segundo Plínio Doyle, em sua introdução à edição fac-similada da revista *Niterói*, editada pela Academia Paulista de Letras em 1978, poderia existir um quarto redator, que, por sua vez, poderia ser Eugene Garay de Monglave, como diz sublinhar Sacramento Blake, ou ainda, Cândido M. de Azeredo Coutinho, que colaborara com alguns artigos. No entanto, o próprio autor afirma, no final de seu texto, que a hipótese de um quarto redator aparece graças a um “engano” cometido por Monglave ao afirmar que: “Des quatre rédacteurs de cette première livraison, trois appartiennent à l’ Institut Historique, MM. Torres Homem, de Magalhaens et Araújo Porto-Alegre” (DOYLE, 1978). O texto de Doyle não é numerado.

² As páginas da apresentação da Revista, intitulada “Ao leitor”, não são numeradas, por isso as citações seguem sem referência à paginação.

Brasil, bem como essencial à delimitação e evidenciação de uma identidade nacional³. O “desejo” de ser “útil” ao país que “amavam” provoca o lançar-se desses homens à vida prática, e isto através da literatura, ou se quisermos do pensamento⁴. Amor que conferiria pouca ou nenhuma glória, fazem questão de sublinhar. Dizendo ainda em outras palavras, o “amor do país”, que é o interesse pelo bem comum, aparece como sentimento capaz de provocá-los à civilização, ou ainda, à reforma das idéias e dos costumes que orientariam a *boa sociedade*, e de caracterizar e de evidenciar a identidade nacional, ou seja, de delimitar a “nação”.

Anunciam a necessidade de se confeccionar artigos úteis em intervalos regulares. Úteis porque buscam cumprir o que seria a mais elevada das tarefas reservada àqueles que amam verdadeiramente seu “país”, a saber, ensinar a amar, a bem-querer o “bem comum”, e, em intervalos regulares, porque tinham a intenção de intervir e intensificar, de maneira expressiva e vigorosa, o *espaço público*, discutindo todas as matérias, e isto a partir das medidas do amor, da liberdade e da verdade⁵. Anotavam que seus “concidadãos” estavam, no entanto, preocupados

³ A *boa sociedade* significa, conforme Ilmar Rohloff de Mattos: “(...) aqueles que eram livres, proprietários de escravos e representados como brancos”. (MATTOS, 2010, p. 117)

⁴ “Ao princípio cantava-se para louvar a beleza, a virtude e seus amores; cantava ainda para adoçar as amarguras d’alma [o que chama de trova]; e tanto que a idéia de Pátria apareceu aos Poetas, começaram eles a invocá-la para objeto de seus cânticos” (MAGALHÃES, 1978 (1836), p. 143).

Oferecemos, também, uma versão encurtada do que significa a literatura no interior da Niterói, e isto com o objetivo de auxiliar a leitura das páginas que se seguem, até que possamos discutir esse tema mais propriamente. A literatura deve ser compreendida como um exercício do pensamento dedicado à evidenciação e intensificação da verdade, ou, se preferirmos, dos sentidos e valores adequados ao bem comum, ao bem de todos ou ainda ao bem da “pátria”, e isto no interior de um espaço físico específico – o “Brasil”. A literatura seria, então, todo pensamento capaz de evidenciar o espírito do povo brasileiro, ou ainda, o conjunto de sentidos, hábitos e costumes fundamentais à vida no “Brasil”, espírito que cumpria sua lógica de desvelamento progressivo e ilimitado. Quando anotamos todo o pensamento estamos nos referindo à história, à filosofia, à poesia, à química e à física, à pintura e à música, à astronomia e à economia política.

Sobre a evidenciação do movimento progressivo do espírito do povo, segundo Valdeci Lopes de Araújo: “Transformada em processo, a literatura assume o papel de horizonte de totalidade, como a dimensão capaz de produzir e preservar a identidade de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço. Através dela a história deixa de ser apenas a sucessão de acontecimentos isolados e torna-se o desenvolvimento progressivo de uma identidade, cujo sujeito maior é o povo e o resultado é a nação” (ARAÚJO, 2008, p. 121)

⁵ *Espaço público*, aqui, significa um âmbito no interior do qual os mais diferentes temas, entre eles o Estado, a moralidade e a religião são criticados e discutidos, e isto a partir da premissa de que todos os que dele participam são livres, orientados pela medida da verdade. Esse conceito torna-se possível a partir de Immanuel Kant e seu texto – Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento’? publicado em 1783 - e torna-se princípio de determinação no interior do Iluminismo e do próprio Romantismo, no século XIX. *Espaço público* é o próprio âmbito que se constitui a partir de um conjunto de “sábios” que, críticos na medida adequada, fazem uso do que Kant chamou de *uso público* da razão, senão acompanhemos: “Para este esclarecimento [*Aufklärung*], porém, nada mais exige senão *liberdade*. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um *uso público* de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, excluir de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei!*) Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [*Aufklärung*]?”

com temas pessoais, particulares e corriqueiros, e não com aquilo mesmo que seria fundamental ao progresso moral e material do Império, a saber, o “bem comum”, a “glória da pátria”⁶:

Há muito reconheciam eles (os organizadores da Revista) a necessidade de uma obra periódica que, desviando a atenção pública, sempre ávida de novidades, das diárias e habituais discussões sobre causas de pouca utilidade, e o que é mais, de questões sobre a vida privada dos cidadãos, acostumasse-os a refletir sobre objetos do bem comum e de glória da pátria (Grifo nosso).

Os organizadores da Revista vão permitindo entrever seu projeto. Declaram que a atenção do público, em geral, estaria direcionada às questões “diárias”. Boa parte da *boa sociedade* estaria atenta, a maior parte do tempo, a matérias pueris e a temas que só diziam respeito à “vida privada” de seus protagonistas. Atentos às “novidades”, incessantes, sobre a vida dos outros, ocupados em saber dos negócios alheios, orientados por objetivos egoístas, esqueciam e descuidavam da “glória da pátria”, do bem de todos, viviam em desamor.

Magalhães e seus companheiros pretendiam que seus “concidadãos” passassem a refletir sobre questões de interesse público, e isto orientados pelo amor, o que é o mesmo que dizer, orientados pelo interesse de evidenciar e fazer vigorar o que era bom para a totalidade dos “brasileiros”, movimento que permitiria, ao fim, o próprio abandono de uma vida determinada pelos instintos, pelas inclinações. Trata-se da necessidade de caracterizar e de estabelecer a totalidade nacional como medida.

Acompanhamos, até aqui, a apresentação de um princípio fundamental à revista Niterói, qual seja, a necessidade de estimular os homens e mulheres da *boa sociedade* a pensar e a agir de

Qual não o impede, e até mesmo o favorece? Respondo: o *uso público* de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*Aufklärung*] entre os homens. O *uso privado* da razão pode, porém, muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem, contudo, por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [*Aufklärung*]. Entendo, porém, sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto *sábio*, faz dela diante do grande público do *mundo letrado*. Denomino uso privado aquele que o *sábio* pode fazer de sua razão em um certo *cargo público* ou função a ele confiado (...) Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até à sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de *sábio* que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo”. (KANT, 2005, p. 65-6). Sobre a instauração disso que chamamos aqui de *espaço público*, ver, também, KOSELLECK, 1999, em especial todo o segundo capítulo, e HABERMAS, 2003, capítulo 4.

⁶ A compreensão de amor manipulada por Magalhães e por seus companheiros, a saber, querer o bem de todos, fora colhida junto à leitura de Chateaubriand, de seu “O gênio do Cristianismo”. Acompanhemos: “No tocante à caridade, filha de Jesus Cristo, quer dizer, ao pé da letra, *graça* e *júbilo* (...) Pela caridade nos ensina a maravilhosa verdade de que os homens se devem amar, porque assim o digamos, através de Deus, que espiritualiza o seu amor, e só lhes deixa a imortal essência, facultando-lhes a passagem” (CHATEAUBRIAND, 1960, p. 60).

acordo com o interesse público, a partir do imperativo do amor, princípio que seria responsável, a um só tempo, pela civilização desses homens e mulheres e pela delimitação e evidenciação de uma identidade nacional. Magalhães e seus companheiros pretendem, inicialmente, civilizar, ou ainda, transformar as idéias e os hábitos dos homens e mulheres da *boa sociedade*, fazendo-os ultrapassar o egoísmo em nome do modo de ser do amor, ou ainda, do interesse fundamental pelo bem da “pátria”. No entanto, os companheiros de Revista lançam mão de uma estratégia específica para realizarem seu projeto civilizador, a saber, trabalham na caracterização e na evidenciação de uma identidade nacional também com o intuito de sensibilizar seus leitores, provocando-os à assunção do modo de ser do amor, e isto a despeito de uma decisão racional originária. Anotam que pretendem disponibilizar lições úteis, especialmente através da economia política, lições que levariam a “nação” ao progresso moral e material, aliás, anunciam que estas lições seriam importantíssimas para o progresso do Império, talvez o que houvesse de mais necessário. Não obstante, reconhecem outra necessidade complementar, a necessidade de emocionar e convencer os homens e mulheres egoístas a concretizarem determinadas lições em nome do bem comum, por isto insistem na “literatura” e nas “artes”, insistem nelas porque elas seriam capazes de “animar a indústria”, “enchendo de glória e de orgulho”. Ânimo que além de despertar o orgulho, “desenvolvia o amor e a simpatia geral” em relação àquilo que deveria ser, o que era “justo, santo, belo e útil”, a saber, os próprios sentidos disponibilizados pela Revista, sentidos fundados no imperativo do amor.

A economia política, tão necessária ao bem material, progresso, riqueza das nações, ocupará importante lugar na *Revista Brasiliense*. As ciências, a Literatura nacional e as Artes que vivificam a inteligência, animam a indústria e enchem de glória e de orgulho os povos que as cultivam, não serão de nenhum modo negligenciadas. E destarte, desenvolvendo-se o amor e a simpatia geral para tudo o que é *justo, santo, belo e útil*, veremos a pátria marchar na estrada luminosa da civilização e tocar ao ponto da grandeza, que a Providencia lhe destina.

O que está em questão aqui é a caracterização da identidade nacional, e isto com um objetivo específico, o de civilizar os homens e mulheres da *boa sociedade*, mas trata-se, no entanto, de uma caracterização especial, determinada por elementos subjetivos, ou ainda, uma caracterização sentimental⁷. Dizendo ainda de outra maneira, Magalhães e seus companheiros

⁷ Nossa análise visa a descrever e a compreender os critérios subjetivos elencados pelos redatores da Revista, em seu intuito de caracterizar o que chamam de nação brasileira e de civilizar o Império do Brasil. Esses critérios subjetivos são o “amor” e o “orgulho” pela “pátria”.

lançam mão de sentimentos como o “amor” e o “orgulho” para caracterizarem a “nação brasileira”, método que, além de delimitar uma identidade nacional, acabaria sendo determinante na sensibilização dos seus leitores. Em última instância, os “brasileiros” passavam a ser um conjunto originário e homogêneo de homens e mulheres que se encontravam diante de algo “amável”, digno de “desejo” – a totalidade “Brasil”-, e mais, que nutriam orgulho pela “pátria”, o que provocaria a “elevação da alma” e a provocação do “brio”. Segundo Magalhães e seus companheiros, os homens e mulheres da *boa sociedade* abandonariam suas inclinações e se dedicariam à “nação”, apenas porque amando e orgulhando-se dela, passavam a amar e a orgulhar-se de si mesmos, e isto porque cada um se descobria fazendo parte constitutiva de uma totalidade robusta e descomunal – o “Brasil”. O que está em jogo aqui é a instauração de uma espécie de dependência mútua, ou seja, a “nação” dependia da dedicação de cada um, mas cada um, para sentir-se protegido, ou ainda em casa, confiante e corajoso, dependeria do êxito da própria totalidade. Os companheiros de revista criam que a ordem sentimental responsável pela caracterização da identidade nacional oferecia contentamento a cada “cidadão”, provocando experiências como a do amor, a do orgulho, a do pertencimento, a da confiança e a da coragem, seduzindo e provocando os “cidadãos”, até então egoístas, a aderirem à “nação”, “elevando suas almas” e provocando “brio”⁸.

Magalhães e seus companheiros criam que homens e mulheres egoístas não seriam capazes de abrir mão de seus desejos mais idiossincráticos e de aderir, por conseguinte, ao seu projeto civilizador, se não experimentassem totalidades caracterizadas pelo amor e pelo orgulho, sentimentos que seriam determinantes à emoção e à satisfação de seus leitores (egoístas). Afirmam que o “Brasileiro amigo da glória nacional” deveria ler os artigos da Niterói, e isto porque pretendiam evidenciar o imperativo do amor, mas também porque preparavam, a partir de

Já o que chamamos de critérios objetivos fundamentais à determinação de uma identidade nacional são, segundo Hobsbawm, a língua, a etnia, o território comum, traços culturais comuns e uma história comum. O único critério objetivo que analisamos ao longo do capítulo é o da história comum. Esta nossa análise do projeto nacional e civilizador de Magalhães, de Torres Homem, de Porto-alegre e de Pereira da Silva, através da revista Niterói, partindo da descrição e da compreensão de critérios subjetivos, bem como a própria possibilidade de estabelecimento de tais critérios é debitada a Hobsbawm, 1998, p. 11-22.

⁸ De acordo com Eric J. Hobsbawm, o ponto de determinação da nação moderna, ou seja, a condição de possibilidade para que a nação moderna se concretizasse fora a instauração de um sentimento de pertencimento fundado, por sua vez, na convicção de que a nação era fundamental à existência de todos – “(...) de que ela é, em alguns sentidos, fundamental e básica para a existência social de seus membros e mesmo para sua identificação individual (...)” (HOBSBAWM, 1998, p. 14).

Quanto à predicação dos termos “amor” e “orgulho”, remetemos ao Moraes Silva, 1813, p. 124 e 372 respectivamente.

seus artigos, a própria possibilidade de experimentação de sentimentos como o amor e o orgulho e, por conseguinte, os de pertencimento, confiança e coragem: “Tal é o fim a que se propõem os autores desta Revista, reunindo todas as suas forças para apresentar em um limitado espaço considerações sobre todas as matérias, que devem merecer a séria atenção do Brasileiro amigo da glória nacional”.

Os autores da Niterói reafirmam seu projeto nacional e civilizador a cada linha da apresentação, a saber, o de orientar o “Brasileiro” a bem-querer a todos, a pensar e a agir a partir do amor à “glória nacional”, imperativo que seria suficiente à superação do modo de ser egoísta, e isto porque ofereceria satisfação a cada um. Através de “considerações sobre todas as matérias” os homens aprenderiam lições úteis, ou ainda, instruções objetivas acerca de como deveriam se relacionar uns com os outros e, especialmente, de como deveriam produzir e administrar adequadamente as riquezas colhidas junto à natureza. Mas não bastaria ensinar lições úteis, algo mais seria necessário, e isto porque a maioria dos homens e mulheres da *boa sociedade* não estaria disposta a aprender e a realizar essas lições espontaneamente, a partir de uma decisão racional originária. Todas essas “considerações” que prometem orientar adequadamente através de instruções objetivas, também possuem a função de seduzir os sentidos, de manipulá-los através da utilização de totalidades como “pátria” e “nação” e de precipitar os homens e mulheres à ação adequada de forma imediata, ou seja, sem a participação originária da razão. Dizendo ainda em outras palavras, os redatores da Niterói entendiam que não era missão nada simples a de convencer e de corrigir as idéias e os hábitos profundamente egoístas dos homens e mulheres da *boa sociedade*, missão que precisaria ser concretizada a partir da utilização de duas estratégias complementares, a saber: 1) a disponibilização de lições úteis a todos, caminho que contava com a mobilização originária do aparato racional de seus leitores e, a um só tempo, 2) a manipulação dos sentidos através das totalidades mencionadas, método que provocaria satisfação a cada um e a adesão à “nação” a despeito da própria razão, e isto para que se tornasse possível, num segundo momento, a concretização das lições úteis disponibilizadas na Revista - estratégia que faz reparar a influência de Schiller sobre os companheiros⁹.

⁹ Como afirma Schiller: “A mais urgente necessidade da nossa época parece ser o enobrecimento dos sentimentos e a purificação ética da vontade, pois muito já foi feito pelo esclarecimento do entendimento. Não nos falta tanto em relação ao conhecimento da verdade e do direito quanto em relação à eficácia desse conhecimento para a determinação da vontade, não nos falta tanta *luz* quanto *calor*, tanta cultura filosófica quanto cultura estética. Considero esta última como o mais eficaz instrumento da formação do caráter e, ao mesmo tempo, como aquele que

Para concretizar esse objetivo, o de manipular seus leitores através dos sentidos, os redatores da Niterói lançaram mão de totalidades tais como “Brasileiro”, “pátria” e “nação”, imagens que fariam com que os seus leitores experimentassem sentimentos como o amor e o orgulho e, por conseguinte, os de pertencimento, confiança e coragem, tornando-os dependentes em relação à “nação”, bem como satisfeitos. Em outras palavras, os companheiros pretendiam fazer nascer, através da dependência e da satisfação de cada um em relação à “nação”, um carinho espontâneo e intenso (natural), o que provocaria a civilização das idéias e dos costumes egoístas¹⁰.

Os companheiros de Revista se utilizaram de uma determinada estratégia para forçar a *boa sociedade* a agir e a pensar a partir do amor à “pátria”. Magalhães e seus companheiros investiram na confecção de textos que ofereceriam lições úteis ao bem de todos, mas algo mais sustentava seus escritos, qual seja o método de superpor termos como “pátria”, “país” e “nação”, de superpô-los e de fazê-los significar e evidenciar uma e a mesma coisa – todos, e, por conseguinte, de sensibilizar homens e mulheres egoístas, forçando-os a experimentar determinadas totalidades, conduzindo-os, através delas, à vivência de sentimentos como o amor e o orgulho, o pertencimento, a confiança e a coragem, vivência que os provocaria a agir, daí por diante, em nome do ente – todos, e isto a despeito de uma adesão racional originária.

é inteiramente independente do estado político e que, portanto, deve ser mantido mesmo sem a ajuda do Estado”. (In: BARBOSA, 2004, p. 28). Ver também Schiller, 2002 e 2009.

¹⁰ Magalhães e seus companheiros se dedicaram à superação do modo de ser do egoísmo, e isto através da disponibilização de lições úteis e, a um só tempo, a partir da manipulação dos sentidos de seus leitores. As lições úteis eram oferecidas através de enunciados científicos e a manipulação dos sentidos resultava de um jogo retórico no interior do qual os companheiros de Revista evidenciavam imagens de totalidade (nação, pátria Brasileiro etc.) capazes de instaurar sentimentos como amor, orgulho, pertencimento, confiança e coragem. O que está em jogo aqui é a tarefa de caracterizar, evidenciar e de naturalizar uma identidade que não era efetivamente compartilhada e seguia sendo uma espécie de imagem restrita a determinados homens e mulheres comprometidos com a construção do Estado imperial a partir do Rio de Janeiro e de províncias contíguas. Aí, o esforço de Magalhães e de seus companheiros no sentido de assumir a tarefa de caracterização, evidenciação e de naturalização da nação brasileira coincide com a *expansão para dentro* realizada a partir do Rio de Janeiro e de áreas contíguas. Melhor dizendo, Magalhães e seus companheiros participaram, à sua maneira - criticando a moralidade dos homens que compunham o Estado e a própria escravidão - da tarefa de construção de um lugar para a nação (ver Márcia Gonçalves, 2009), ou ainda, de seu processo de corporeificação, o que fora fundamental à construção do Estado imperial. Ilmar Rohloff de Mattos anota que a *expansão para dentro* se tratou do “papel da coroa na manutenção da ordem e na difusão da civilização, em uma experiência histórica na qual a um império correspondiam um único Estado, um território unificado e contíguo e uma nação (...)” (MATTOS, 2009, p. 43).

E sobre a evidenciação e naturalização de um ente coletivo através de imagens de totalidade, o mesmo historiador afirma: “(...) a uma associação que era historicamente construída, buscava-se dar a aparência de natural. Se os novos cidadãos do novo Império do Brasil já não eram portugueses americanos, não deixavam de ser pernambucanos, bahienses, paulistas ou mineiros; todavia; não deviam ignorar que desde então, eram acima de tudo brasileiros. As identidades locais e regionais forjadas durante os trezentos anos da colonização portuguesa eram deslocadas em proveito de uma nova identidade, a ela articulando-se e subordinando-se como frações de uma mesma unidade”. (MATTOS, 2010, p. 114)

Em verdade, destacamos dois interesses fundamentais de Magalhães e de seus companheiros, a saber: 1- caracterizar e evidenciar uma identidade nacional e 2- civilizar o Império. Para realizar seus interesses, os companheiros lançaram mão de duas estratégias complementares. Em relação à consecução do primeiro interesse, o da caracterização e evidenciação de uma identidade nacional, fora fundamental a resignificação de termos como “pátria”, “país” e “nação”, termos que, no interior de seus textos, reuniam as múltiplas identidades que compunham o Império do Brasil, a partir da imagem de uma totalidade mais originária que qualquer diferença¹¹. Para a civilização dos “brasileiros”, o segundo interesse destacado, os companheiros utilizaram esses termos, incessantemente, com o intuito de provocar a experiência do amor, do orgulho, do pertencimento, da confiança e da coragem e, por conseguinte, emocionar e satisfazer os “brasileiros”, forçando-os a assumir o compromisso de agir em nome do bem comum.

Magalhães e seus companheiros fazem nascer um projeto nacional na medida mesmo em que ressignificam termos como “pátria”, “país”, “nação” e “Brasileiro”, fazendo-os significar uma totalidade originária fundamental ao bem de todos. Aí fundam uma identidade determinada por características subjetivas, entre elas o amor e o orgulho e insistem, então, num projeto civilizacional marcado pela necessidade de provocar os homens e mulheres da *boa sociedade* - quer através da razão quer através dos sentidos -, a pensar e a agir em nome do bem de todos. Em

¹¹ Os dicionários da época evidenciaram e intensificaram a redefinição do termo nação, termo que possuía em sua origem um significado étnico identificado à descendência ou à *gens*, e que conquistara, ao longo do século XIX, especialmente, um conteúdo político. O *Vocabulário Portuguez e Latino*, do padre Raphael Bluteau, publicado em 1716, registrava a significação étnica do termo, pois como podemos ler: “Nisso se diferencia nação de povo, porque nação compreende muitos povos, assim Beirões, Minhotos, Alentejões, & c. compõem a nação Portuguesa; Bávaros, Saxões, Suábios, Hamburguenses, Brandenbúrguenses, & c. compõem a nação Alemã; Castelhanos, Aragoneses, Andaluzes, & c. compõem a nação Espanhola (In: PAMPLONA, 2009, p. 162). Já na 6ª edição do Dicionário Moraes Silva, publicada em 1858, o termo nação apresenta uma espécie de recunhagem semântica e, através de seu conteúdo político, articula e subordina inúmeras identidades étnicas evidenciadas por Bluteau como nações, senão vejamos: “**Nação**, s. f (do Lat. *Natio*) A gente de um país, ou região, que tem língua, leis, e governo à parte: v.g. a nação *Francesa, Espanhola, Portuguesa* (...)”. O Moraes Silva continua sua definição, agora junto a outro conceito, o de povo – “Nação, Povo. *Sin.* No sentido literal e primitivo. A palavra *nação* indica uma relação comum de nascimento, de origem; e *povo* uma relação de número, e de reunião. A *nação* é uma dilatada família; o *povo* é uma grande reunião de seres da mesma espécie. A *nação* consiste nos descendentes de um mesmo pai, e o *povo* na multidão de homens reunidos em um mesmo sítio. Em outra acepção a palavra *nação* compreende os naturais do país; e o *povo* todos os habitantes. Um *povo* estrangeiro que forma uma colônia em país longínquo continua ainda a ser Inglês, Português, Espanhol etc. é-o por *nação*, ou de origem. Diversos *povos* reunidos, ligados por diferentes relações comuns em um mesmo país, formam uma *nação*; e uma *nação* se divide em vários *povos*, diversos uns dos outros por diferenças locais e físicas, ou políticas e morais. A *nação* está intimamente unida ao país pela cultura, ela o possui; o *povo* está no país, ele o habita. A *nação* é o corpo dos cidadãos; o *povo* é a reunião dos reinícolas. Uma *nação* divide-se em muitas classes; o *povo* é uma delas; é a parte mais numerosa de que a *nação* é o todo” (In: PAMPLONA, 2009, p. 164-165). Para uma interpretação detida da semântica apresentada acima, ver Pamplona, 2009, p. 163-166 e Pereira, 2009.

verdade, se dedicaram a oferecer lições úteis a todos os seus “concidadãos” e a lançar mão dessas imagens de totalidade para provocar a experimentação de sentimentos como o amor, o orgulho, o pertencimento, a confiança e a coragem, sentimentos que originariam a satisfação dos “brasileiros” e a instauração de uma nação amorosa.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London; New York: Verso, 1991.

ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

BARBOSA, Ricardo. *Schiller e a cultura estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: vol. 2*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CHATEAUBRIAND. *O gênio do cristianismo: vol. 2*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc, 1960.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial: vol. II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nação e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”? (*Aufklärung*). In: *Textos seletos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: UERJ; Contraponto, 1999.

_____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; EdPUC - Rio, 2006.

MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de; PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo; TORRES HOMEM, Francisco de Sales. Ao Leitor. In: *Niterói: Revista Brasiliense*, tomo primeiro, n. 1, São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1978 (1836).

MATTOS, Ilmar Rohllof de. Transmigrar: nove notas a propósito do império do Brasil. In: PAMPLONA, Marco Antonio; STUVEN, Ana Maria (Orgs.). *Estado e nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

_____. O gigante e o espelho. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial*: vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PAMPLONA, Marco A. Nação. In: JÚNIOR, João Feres (Org.). *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PEREIRA, Luisa Rauter. Povo/povos. . In: JÚNIOR, João Feres (Org.). *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHILLER. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. *Cultura estética e liberdade*. São Paulo: Hedra, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Literature for the sake of the nation and civilization in Niterói Magazine: national identity and civilization through Love

Abstract: This paper analyzes the prologue of Revista Niterói, published in the year 1836 in Paris, entitled "Ao Leitor." The prologue is signed by its drafters, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre e Torres Homem and demonstrates the self-determination according to the literature the first Romantic Brazilian, namely to forge a radical nationalist sentiment and, at the same time, guide men and women of good society to devote themselves to love, or even the common good. According to the drafters of Niterói, just the feeling of love could lead to moral and material progress of the Empire.

Key words: Revista Niterói. Gonçalves de Magalhães. Araújo Porto-Alegre. Torres Homem. Romanticism.